



Oficina “Oficinar ao habitar”

LEU – Laboratório de Estudos Urbanos – Programa de Pós-Graduação em Urbanismo PROURB/UFRJ

Coordenação: Margareth da Silva Pereira – arquiteta e urbanista, historiadora, professora PROURB/UFRJ

Coordenação da oficina:

Cristiane Knijnik – psicóloga, doutoranda PPG Psicologia UFF

Iazana Guizzo – arquiteta, doutoranda PROURB/UFRJ

Acompanhante: Marina Cunha – designer de moda, mestranda PPGAU/UFBA e membro Laboratório Urbano

Cristiane Knijnik*
Iazana Guizzo**

Estamos escrevendo para todos aqueles que inscreveram-se em nossa oficina no Corporcidade para dar as boas vindas e já começar a aquecer o encontro. Nossa proposta envolve alguns trabalhos corporais e por isso sugerimos que vocês escolham uma roupa bem confortável. Para aqueles que sentem mais frio é bom levar um casaquinho para momentos que estaremos deitados no chão. Outra coisa, levem uma canga ou tecido que possam deitar em cima. Estaremos esperando vocês na segunda as 9h na UFBA. É importante cuidar o horário para que possamos estar juntos e trabalhar sem correria. A sala da oficina ainda não foi definida. Assim que soubermos, avisaremos vocês por email.

Olá Iazana, olá Cristiane! Tudo Bem? Por aqui a correria já começou. Foi bom escreverem, porque tivemos uma reunião na semana passada e já temos algumas coisas para ir pensando juntas mesmo.

Ainda quando cada um estava em sua cidade, ainda quando sem nos conhecer cada um preparava-se para o Corporcidade. E ainda quando o Corporcidade preparava-se para entre nós acontecer. Uma experiência realizada ao longo do segundo semestre

* psicóloga, doutoranda PPG Psicologia UFF

** arquiteta, doutoranda PPG Urbanismo UFRJ

Marina Carmello Cunha*

A cidade mora em mim – narrativa da Oficina LEU

* *designer de moda, mestranda PPG Arquitetura e urbanismo UFBA*

Narrar uma experiência é narrar o que foi apreendido, recortar do momento já acontecido o que interessa passar a diante, sob os desejos do próprio narrador. É outra experiência: a do compartilhamento. Compartilho aqui a narrativa de uma narrativa.

Ao tentar trazer à tona as discussões e percepções trabalhadas na oficina LEU, durante o **Corpocidade 3**, trago o momento registrado no corpo, nas sensações e no mapa construído a partir das memórias das práticas no habitar, resultado das dinâmicas e exercícios propostos dentro de uma sala no prédio da Faculdade de Dança da UFBA. Esta é uma narrativa corpográfica¹ estruturada em formato vídeo.

A questão recorrente era sobre a oficina ter acontecido o tempo todo dentro de uma sala, sem contato direto com a cidade. Depois das dinâmicas corporais e sensoriais a resposta era clara: através de nosso próprio corpo e do contato com o corpo do outro² estamos ligados à cidade, ela está inscrita em nossa pele. A cidade habita em nossos corpos. Assim, as práticas do habitar estão o tempo todo influenciadas pela cidade onde se vive e pela cidade que se acumula em nós, as muitas cidades de nossas experiências se sobrepõem e se dinamizam em nossos corpos.

Mas como narrar uma experiência sensorial tão particular? Ao fazer escolhas, decidir materiais e formatos, percebo que narrar não é apenas sobre o recorte que se faz, é de alguma forma criar um espaço de interação entre o que trago de outras experiências e a que me debruço agora.

de 2011, no Rio de Janeiro, constituía memória como matéria prima para elaboração da oficina proposta em Salvador.¹ Oficinar tece um modo de fazer que deseje o acontecer com sua miríade de imprevistos e que, paradoxalmente, requer preparação. Os primeiros e-mails trocados com o grupo pretendem disparar uma atmosfera de atenção e cuidado com o nosso encontro ainda porvir.

As mensagens de nossa acompanhante-participante² marcavam a disponibilidade dos anfitriões atentos aos detalhes que muitas vezes ficam soterrados na “organização de um evento”. Aqui não vai nenhuma apologia a eficiência, suposta garantia do “sucesso” dos megaeventos que têm pautado a grande mídia brasileira atualmente. Narramos este trecho dos preparativos do Corpocidade no sentido de mostrar pequenos cuidados que nesta experiência foram lentamente instalando um processo coletivo, uma confiança para estar com o outro testemunhando fragilidades e habitando o risco da experimentação que todo encontro supõem. Narramos, na busca de mostrar



A princípio meu corpo pede uma narrativa têxtil (resultado de antigas e recorrentes lembranças de minha formação pessoal), que acredito ter grande potencial visual, poético e narrativo. Sobre fitas de algodão se inscrevem sensações, impressões e

o como foi se tecendo um encontro disposto a compartilhar experiências metodológicas. Narramos, por fim, com os participantes da Oficina que disponibilizaram suas impressões-reflexões presentes nas epígrafes deste texto inscrevendo sua política narrativa em um plano comum e polifônico.

MODO OFICINEIRO

Na sala da Faculdade de Dança, foi configurada uma atmosfera com a memória e a cidade que existe em cada corpo presente. Lá, tanto como na cidade, foram acessados lugares de bastante tensão, do desconhecido e de fragilidades
Clara Passaro

Esse corpo agora começava a mudar, eu ocupava outro tipo de espaço e, com isso, ganhava novas habilidades: eu podia boiar, podia deixar a correnteza me levar ou me esforçar para nadar contra ela, tinha a possibilidade de ampliar os meus movimentos tão rígidos em terra firme. Meu corpo se tornou um pouco água.
Jurema Moreira

Entendendo o método como performativo³ e não como conjunto de técnicas e instrumentos neutros que permitem acessar as verdades de uma cidade, é preciso dizer que as reflexões que ora apresentamos são efeito também do “método corporalidade”. Não pretendemos, no quadro deste texto tratar disto, mas apontar que a proposta de compartilhar experiências metodológicas a partir da experimentação coletiva, em oficinas, parece-nos guardar uma aposta política cara a todos nós: deslocar o método do lugar de um modelo a ser aplicado privilegiando sua dimensão experiencial. Isso quer dizer implicar a todos ativamente, propositores e participantes das oficinas na feitura de uma experiência metodológica que não coincide com a mera aplicação de um modelo.

Como propositoras de uma das 18 oficinas, coube a nós preparar e propor experiências corporais e reflexivas que possibilitassem problematizar práticas e sentidos que constituem nosso habitar tanto na dimensão residencial quanto urbana, entendidas como distintas



registros da vivência na cidade. Mas ao tecer a narrativa, o tricô que vai engolindo as sensações e palavras símbolo do peso da cidade em mim, percebo que devo vesti-la. Vestir a narrativa é então narrar com o corpo. E

dessas reflexões que se faz enquanto se tricota, salta ao pensamento a verdade: o vaievem das agulhas, levadas por minhas mãos, está sob meu domínio e ao mesmo tempo é limitado pelo próprio instrumento.



porém indissociáveis. Quais são as práticas e problematizações que compõem o nosso modo de habitar expresso tanto na casa como na cidade?

É, contudo, um modo de habitar a própria oficina, um modo oficineiro, que performa aquilo mesmo que está sendo problematizado em ato, em gestos, ritmos, silêncios e palavras, aproximações e distâncias que nenhuma técnica, instrumento ou modelo pode garantir. É nesse sentido que a oficina, ao mesmo tempo em que contava com exercícios preparados envolvendo as práticas do habitar, guardava uma atenção especial ao modo como na singularidade desta experiência os princípios metodológicos podiam ser operados. Ou seja, diferente de aplicar um modelo que visa confirmar sua preparação e pressupostos homogeneizando a experiência; buscava-se fazer operar um modo que os coloca em risco. Sem supostas garantias encerradas em uma forma de fazer a priori interessava-nos instaurar o “estar oficina”, um modo oficineiro entre nós, que não se pretende natural, verdadeiro, correto e sim criativo, inventado em conjunto com o resguardo de um cuidado ético.

Sendo assim, é importante destacar que se por um lado isto que estamos chamando “modo oficineiro” requer engajamento prático, por outro, nem todo fazer é oficineiro na acepção que gostaríamos de privilegiar. O modo de fazer

– a metodologia, isto é o como se faz – é o que chamamos de oficineiro e não um fazer prático feito pelo corpo físico que se distingue do ato de pensar. Com a afirmação do modo oficina não se partilha do binômio prático ou teórico. A diferença que queremos apontar do modo oficineiro para o modelo está justamente na experiência que se tem ao fazer, o que pode ser comparado, para um efeito de imagem, a uma travessia marítima.

Dentro de um transatlântico muitas ondas e ventos do mundo marítimo tornam-se imperceptíveis. Protegidos pelo vultoso casco, a experiência de estar no mar ganha estabilidade e afasta-se dos riscos e do desconhecido. O sal pouco entranha na pele e a maresia não passa a compor nosso olfato. No entanto, em um barquinho de madeira, qualquer marola faz o corpo balançar, vulnerável às forças que compõem o encontro com o mar. A pele é tocada pelos respingos salgados, colorida pelo sol e refrescada pelos ventos que também nos fazem virar. É esse barquinho, chamado experimentação, que convidamos a “Habitar” quando evocamos o modo oficineiro.

Posicionar-se na experimentação requer então disponibilidade para uma aventura marítima quando, ao ser afetado, nosso corpo ganha novas possibilidades ao mesmo tempo em que os “elementos do mundo” podem ser



percebidos de outras maneiras. Aventura que não pode ser regulada por instrumentos insensíveis a temporalidade da experiência. Ou seja, grandes reguladores morais que distinguem e permitem avaliar nossas navegações a partir dos binômios como certo e errado, permitido e proibido são substituídos. Em nosso barquinho, lançamos mão de princípios éticos que possam, no lugar dos grandes instrumentos reguladores, favorecer uma atmosfera onde aquilo que conta deixa de ser acertar ou errar, mas sobretudo, se deixar levar pela experiência.

O PERCURSO

Saber os trajetos, caminhos e escolhas feitas por pessoas que assim como eu transitam em seus espaços e carregam com si suas vivências. Receber suas histórias de vida me ajudaram a entender um pouco mais a minha própria história e me identificar com os seus relatos.

Francielle Souza

A problematização da questão – A pele que habito – traz junto com ela outro questionamento – O que estamos fazendo de nós mesmos – de nossos corpos, em amplos sentidos, e, sobretudo, das nossas práticas e dos nossos hábitos cotidianos.

Luis Guilherme Pires

Tudo o que é tecido, o que se trança a cada laçada está além das palavras. É o corpo falando, levando a diante o que se inscreve sobre ele. A narrativa se concretiza então, assumindo—se o tempo todo *corpográfica*.

O modo como se habita – as práticas do habitar – passa pelo outro, a cidade e se concretiza em si, o próprio sujeito que habita. Território pessoal, privado, que é influenciado o tempo todo pelos modos de estar e se relacionar com o outro na vida urbana. As práticas do habitar não podem ser tecidas em trama e urdume, como um tecido plano, sem maleabilidade. Os fios se enroscam em malha³, tramadas em estrutura dançante, que se adapta, toma a forma do corpo e do espaço. Assim como as agulhas, a malha prende o corpo, mas lhe dá um limite de maleabilidade possível para concretizar seus movimentos.





Visto a narrativa têxtil para dizer que visto a cidade. Cumpro minhas funções diárias e quase literalmente exclamo: *a cidade delimita minha ação!* A cidade onde vivo agora e as que trago em mim. Fujo pela janela, e através dela sou invadida e influenciada. Tudo concentra-se sobre minha pele e meus gestos.



Para a experiência realizada em Salvador nos dias 23 e 24 de abril de 2012, foram criados três dispositivos que deram suporte ao desenrolar da questão do habitar ao mesmo tempo em que possibilitaram a emergência de um modo oficineiro. Arranjados de forma entrelaçada os dispositivos foram: os exercícios corporais, as reflexões cartográficas e a tessitura do coletivo.

Deitar no chão e ali demorar-se. Sentir o peso do corpo, dilatar o tempo, recuperar memórias e experimentar o contato da pele com um saco plástico cheio de água ou com uma bola cheia de ar. Levantar, andar e conquistar uma atenção aos diferentes ritmos percebendo o desequilíbrio necessário a cada passo. Ao andarmos todos juntos foi disparada a busca de encontrar um ritmo comum que acelera e desacelera. Fechar os olhos e deixar pequenos movimentos do corpo recém-criados ganharem espaço. Gestos simples que possibilitaram a experimentação do próprio corpo visando uma abertura de si para o novo sem deixar de atentar-se ao outro.

Desestabilização do corpo que não visa suscitar uma dicotomia entre corpo e espírito provocando uma espécie de apologia à matéria. Sem agenciar-se a um materialismo, mas tampouco a um idealismo, a busca foi do movimento que podia ser instaurado em cada um a partir do encontro proposto. Os exercícios corporais,⁴ inspirados em práticas da dança e das artes

plásticas não são entendidos como atos milagrosos capazes de criar um corpo para quem supostamente não o tinha. Esses exercícios são entendidos apenas como uma possibilidade, dentre muitas, de disparar uma experiência.

Como dispositivos de experiências, de travessias marítimas, tais exercícios podem disparar uma abertura das formas cristalizadas de si mesmo. Abertura impulsionada por um não saber que força uma suspensão das ações conhecidas podendo até mesmo desestabilizar os modos de ser vigentes ao colocá-los em movimento. No entanto é importante dizer que a experiência entendida como transformação não acontece com frequência e, tampouco, pode ser garantida em uma oficina. Ela depende de um agenciamento do dispositivo com muitas outras variáveis incontroláveis que são produzidas ao longo do percurso de cada um. Sem fórmulas, mas com disponibilidade ética, pode-se nesta Oficina, apenas disparar questões e contribuir com parte dos percursos ao apostar nos efeitos desse encontro.

Seguindo com os dispositivos, aliados aos exercícios corporais, também foram feitas as reflexões cartográficas. Diversas texturas de papéis, canetas distintas, lápis coloridos deram suporte aos mapas das práticas de cada habitar. Uma reflexão feita por cada participante de sua própria morada



Frames do vídeo “A cidade mora em mim”, disponível em www.acidademoraemim.blogspot.com

começava a ganhar corpo no desenho do mapa e fora dele. Uma reflexão de si que se distingue de uma apologia ao *eu* para aproximar esse si do outro.⁵

Refletir sobre as suas ações e conquistar a possibilidade de tê-las a mão em um dispositivo ético que se vale da experiência foi o horizonte de trabalho proposto para a Oficina. A autonomia de uma conduta de si não estava ligada ao controle dos bons costumes, não preocupava-se em prevenir supostas ofensas a Deus e tampouco considerava a razão superior a paixão. A atenção as suas próprias práticas cotidianas tornam-se importantes a medida que as condutas de uns têm efeitos sobre os outros. Ao olhar para si, busca-se uma liberdade de conjunto, da cidade, que passa por práticas de si, o que se distingue de práticas do eu muitas vezes justificadas no livre-arbítrio ou em uma naturalidade do individualismo.

Quais são as práticas e reflexões que me constituem? Quais são os modos das moradas? E como os modos de uns reverberam nos outros, na cidade, na vida pública? Sem que todos se tornem o mesmo, o que é estar com o outro? Tendo como cara a diferença, propomos que estar com o outro é ser posto em movimento feito alguém que se deixa levar pelo efeito gerado ao olhar um equilibrista.

O que narro aqui com meu próprio corpo não é só o que ficou da oficina, é além disso, o que a cidade projeta em mim, o que condiciona meu corpo, meus movimentos, meus pensamentos. Narro a corpografia com corpografia. Não há como separar tudo isso, não há como separar o que vivo na rua do que vivo dentro de casa. Não há como deixar essa cartografia escrita no corpo para fora de onde se habita. A cidade invade minha janela. Ultrapassa minhas paredes. Ela mora em mim.

Notas

¹ Segundo Britto e Jacques (2003, p. 79), “a corpografia urbana seria um tipo de cartografia realizada pelo e no corpo, ou seja, a memória urbana inscrita no corpo, o registro de sua experiência da cidade, uma espécie de grafia urbana, da própria cidade vivida, que configura o corpo de quem a experimenta. [...] A *corpografia* é uma cartografia corporal (ou corpo-cartografia, daí *corpografia*), ou seja, parte da hipótese de que a experiência urbana fica inscrita, em diversas escalas de temporalidade, no próprio corpo daquele que a experimenta, e dessa forma também o define, mesmo que involuntariamente”.

² O “outro” dentro da sala fazia referência o tempo todo ao “outro” na cidade. Como conviver, preencher o espaço sem grandes conflitos, respeitar seu corpo e o de quem está ao seu lado. Intensos exercícios de alteridade.

³ O tecido plano é o que não possui elasticidade e não ser que se use fios elásticos. É basicamente feito em técnica de tear, ou seja, alguns fios na vertical que são tramados com outros na horizontal, possui trama e urdume. Enquanto a malha é baseada em técnica de tricô, onde um único fio vai tramando por enlace, formando “ondas” que se unem no topo



e na base, o que possibilita a elasticidade estrutural, sem uso de fios elásticos.



BRITTO, Fabiana; JACQUES, Paola. Cenografias e corpografias urbanas – um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. *Cadernos PPG-AU/FAUFBA – Paisagens do Corpo*, Salvador, v. 1, n. 1, 2003. Número Especial.

JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias Urbanas. *Arquitextos*, n. 93. São Paulo: Portal Vitruvius, 2008. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>.

PRECIOSA, Rosane. *Produção estética: notas sobre roupas, sujeitos e modos de vida*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005.

SALTZMAN, Andrea. *El cuerpo diseñado – Sobre la forma em el proyecto de la vestimenta*. Buenos Aires: Paidós, 2007.

Na corda bamba está o equilibrista enquanto eu aqui embaixo estou em terra firme. Em terra firme estou com ele. Lá no alto está ele comigo. Como sua bamba experiência me move? Para onde seus pés me fazem caminhar? Acompanho atenta seus movimentos que me deslocam dos instantes anteriores. E ele trepidando na sua travessia sustenta seu continuar - talvez contagiado pelo movimento em mim causado. O exercício de estar **com** o outro é diferente de colocar-se **no** lugar do outro. Não subo na corda bamba e tampouco tenho a mesma sensação do equilibrista, no entanto, ambos nos deslocamos movidos pelo encontro.

Quando evocamos a experiência, estar com o outro não é apenas um encontro de partículas – um encontro físico entre os corpos – mas um contágio. Isto é, quando o outro⁶ – material ou imaterial; uma outra pessoa ou o mar, uma obra de arte ou uma paisagem – provoca ou alia-se a questões que possam disparar movimentos no próprio modo de ser de si mesmo. Estar com o outro seria um pouco ser tomado pela diferença, pelo ritmo, pelas questões do outro.

Na busca desse contágio, a tessitura do coletivo apareceu como um dispositivo contínuo desde o primeiro e-mail trocado. Tessitura que foi se dando aos poucos, em cada cuidado, risco compartilhado, mapa desenhado, escrito, exposto. O coletivo facilita a experiência em duplo sentido: ao mesmo tempo em que dá suporte para enfrentar o risco em conjunto sustentando-se em uma ética, aproxima o outro dando mais chance para o contágio acontecer. De modo contínuo entre exercícios corporais e mapas reflexivos foi sendo criado um cuidado, uma atenção, um espaço para o outro e para si.

Com tal atmosfera, nos momentos finais da oficina, construiu-se um espaço de compartilhamento das reflexões dos mapas de cada participante. Longe de um confessionário, ou de um coletivo de autoajuda, exercitamos nossa atenção

a nós mesmos e ao outro inspirados na imagem-experiência do equilibrista. Para onde sou levado ao ser tocado pelo mapa do outro? Que caminhos se abrem e que desvios se fazem? E o que eu posso oferecer a partir deste encontro?⁷ Um barco de papel, um desenho colorido, palavras, histórias, nada, uma frase em um papel rasgado, um gesto, talvez, uma *troca de segredos!*

Oferecer a sua experiência ao outro, a fim de multiplicá-la, afastá-la do pessoal e tecer o coletivo. Arriscar-se na experimentação abrindo espaço para o não saber advindo do desmanche das linhas binárias que classificam e diagnosticam a existência. Apostar no encontro como provocador de movimentos de si/outro sem abrir mão de uma orientação ética. Sustentar sem oferecer respostas já sabidas. Tatear para que lentamente sentidos comuns possam emergir. Disponibilizar a presença para um exercício de *si* com o outro. Modular a atenção de maneira a escutar sutis transformações. Apostar na experiência ao invés do modelo. As imagens do barco de madeira e do equilibrista indicam-nos princípios metodológicos para operar um modo oficineiro de habitar a cidade. 

Notas

¹ A metodologia experimentada no *Corpocidade 3* pelo LEU – UFRJ foi desenvolvida ao longo de 2011 em uma disciplina-oficina oferecida no Rio de Janeiro para alunos da psicologia (UFF), arquitetura (UFRJ) e dança (Angel Vianna), em uma parceria interinstitucional, contando com a orientação das professoras Margareth Pereira (UFRJ), Marcia Moraes (UFF) e Soraya Jorge (AV). Com formação em psicologia, arquitetura e dança, as pesquisadoras-proponentes desse trabalho, buscaram construir um dispositivo coletivo de pesquisa teórico-prático acerca dos modos de habitar, de perceber e intervir na casa e na cidade. Exercitamos a disponibilidade de nossos corpos afetarem e serem afetados acompanhados das seguintes questões: de que práticas o nosso habitar se constitui? Quais os sentidos comumente atribuídos à constituição do território? Criamos hábitos estéticos ou preenchemos nosso habitar de movimentos funcionais?

² Gostaríamos de aproveitar para agradecer nossa acompanhante/participante Marina Cunha, por sua generosidade, prontidão e entrega. Aproveitamos para disponibilizar o link de uma narrativa realizada por ela sobre os desdobramentos dessa oficina. <http://acidademoraemim.blogspot.com.br/>

³ Dizemos que o método é performativo uma vez que a realidade urbana não precede as práticas que dispomos para com ela interagir, seja na pesquisa ou mesmo no cotidiano. A realidade urbana antes de ser descrita, descoberta ou explicada por nossas práticas metodológicas será por elas modelada. (MOL, 2007)

⁴ Os exercícios corporais foram inspirados nos Objetos Relacionais de Lygia Clark e também em exercícios experimentados ao longo do curso técnico de bailarino contemporâneo na Angel Vianna, nomeados por conscientização corporal e/ou conscientização do movimento, entre outros.

⁵ Inspiradas em Michel Foucault, na ética colocada em *Uso dos Prazeres*, o olhar para si não se distingue da criação de uma atenção ao outro.

⁶ O outro está colocado aqui como dimensão coletiva. A subjetividade é entendida como um plano coletivo de composição e não uma interioridade. Um sujeito que é o motivo, o propositivo, de tudo que é e faz é muito diferente de uma singularidade composta por inúmeros acontecimentos da vida que vão moldando um modo de ser. Nesse caso, cada um de nós, é um modo de expressão de múltiplos acontecimentos que são muito maiores do que as escolhas aparentemente individuais que podem ser proprietárias de um modo, ou mesmo, de um grande feito.

⁷ Modo de interrogação da prática do *Movimento Autêntico* apresentado para as proponentes da oficina nas aulas de Soraya Jorge, no Rio de Janeiro.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. 9. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

LATOURE, Bruno. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In: NUNES, J. A. E ROQUE, R. (Org.). *Objetos impuros. Experiências em estudos sociais da ciência*. Porto: Edições Afrontamento, 2007.

MOL, Annemarie. Política ontológica. Algumas ideias e várias questões. In: NUNES, J. A.; ROQUE, R. (Org.). *Objetos Impuros*. Experiências em estudos sociais da ciência. Porto: Edições Afrontamento, 2007.